

**ATTITUDES LINGUÍSTICAS RESULTANTES DE CRENÇAS DE
ESTUDANTES DE LICENCIATURAS SOBRE O USO DA LÍNGUA
PORTUGUESA**

**LINGUISTIC ATTITUDES RESULTING FROM BELIEFS OF
UNDERGRADUATE STUDENTS IN TEACHING ABOUT THE USE OF THE
PORTUGUESE LANGUAGE**

Mairo Cândido Rodrigues¹

IFPA

Daniel Marra²

IFTO

Resumo: Este estudo investigou as atitudes linguísticas de acadêmicos de licenciatura, com foco nas variantes linguísticas rural, urbana e rurbana, analisadas a partir das variáveis *status* (inteligente e rica) e *solidariedade* (honesto e alegre). O objetivo foi compreender como a formação acadêmica influencia a desconstrução de preconceitos linguísticos e a valorização da diversidade linguística. A pesquisa adotou uma abordagem quanti-qualitativa, utilizando questionários baseados no modelo *matched guise* para avaliar percepções linguísticas. Os principais resultados revelaram que as atitudes linguísticas são moldadas por crenças culturais e sociais enraizadas. Variantes urbanas foram associadas a maior prestígio e dinamismo, enquanto as variantes rurais se destacaram pela percepção de honestidade. A análise evidenciou que cursos com currículos críticos sobre os usos variáveis da língua, como o de Letras, apresentaram maior impacto na revalorização das variantes não padrão, enquanto os de outras áreas como Matemática e Física demonstraram progressões menos expressivas. Os resultados mostraram ainda que a formação docente desempenha um papel essencial na promoção de atitudes linguísticas mais inclusivas e na desconstrução de preconceitos profundamente enraizados. Embora os resultados evidenciem avanços significativos em dimensões como *inteligente* e *honesto*, a resistência a mudanças em aspectos como *rica* demonstra a complexidade que envolve as crenças socioculturais associadas às variantes linguísticas. Esses achados reforçam a necessidade de intervenções pedagógicas contínuas, críticas e integradas, que viabilizem não apenas a reflexão, mas também a transformação efetiva das percepções linguísticas, promovendo a valorização equitativa e genuína da pluralidade linguística.

Palavras-chave: Atitudes Linguísticas; Diversidade Linguística; Preconceito Linguístico.

Abstract: This study investigated the linguistic attitudes of undergraduate students in teaching, focusing on rural, urban, and semi-urban (rurban) linguistic variants, analyzed based on the variables of status (intelligent and wealthy) and solidarity (honest and cheerful). The objective was to understand how academic education influences the deconstruction of linguistic prejudices and the appreciation of linguistic diversity. The research adopted a mixed-methods approach, using questionnaires based on the matched guise technique to assess linguistic perceptions. The main results revealed that linguistic attitudes are shaped by deeply rooted cultural and social

¹ Mestre em Letras – Universidade Federal do Tocantins (UFT) - Campus de Porto Nacional. Licenciado em Pedagogia - Fundação Universidade do Tocantins (UNITINS). Professor do Instituto Federal do Pará (IFPA) - Campus Cametá. Email: mairo.rodrigues@ifpa.edu.br

² Doutor em Letras e Linguística (UFG), Professor do Instituto Federal do Tocantins (IFTO) e do PPGLetras da Universidade Federal do Tocantins (UFT). E-mail danielmarra@ifto.edu.br

beliefs. Urban variants were associated with greater prestige and dynamism, while rural variants stood out for their perception of honesty. The analysis highlighted that undergraduate courses with critical curricula addressing variable uses of language, such as Language and Literature programs, had a greater impact on revaluing non-standard variants. In contrast, courses from other fields, such as Mathematics and Physics, showed less significant progress. The results also indicated that teacher education plays a crucial role in fostering more inclusive linguistic attitudes and in dismantling deeply entrenched prejudices. While the findings showed significant advances in dimensions like intelligence and honesty, resistance to change in aspects such as wealth underscores the complexity of sociocultural beliefs associated with linguistic variants. These findings emphasize the need for ongoing, critical, and integrated pedagogical interventions that enable not only reflection but also the effective transformation of linguistic perceptions, promoting the equitable and genuine appreciation of linguistic plurality.

Keywords: Linguistic Attitudes; Linguistic Diversity; Linguistic Prejudice.

Recebido em 23 de novembro de 2024.

Aprovado em 26 de dezembro de 2024.

Introdução

As atitudes humanas constituem um elemento fundamental para a compreensão das interações sociais, operando como um reflexo organizado de crenças, sentimentos e predisposições que moldam os comportamentos individuais e coletivos. No campo da sociolinguística, as atitudes linguísticas emergem como um objeto de estudo central, revelando como juízos de valor atribuídos às variantes linguísticas perpetuam dinâmicas de inclusão, exclusão, prestígio e estigmatização em diferentes contextos sociais.

Este trabalho se insere nesse panorama teórico e investigativo, buscando examinar as relações entre crenças, atitudes e práticas linguísticas, com o objetivo de desvelar os mecanismos que sustentam estereótipos e desigualdades no uso da língua. De forma abrangente, as atitudes podem ser definidas como uma maneira organizada de pensar, sentir e reagir em relação a objetos, grupos, ou eventos do meio social, conforme proposto por Lambert e Lambert (1972).

Essa definição integra componentes cognitivos (pensamentos e crenças), afetivos (emoções e sentimentos) e conativos (tendências comportamentais), interligados de forma a influenciar as respostas humanas. No âmbito linguístico, esses componentes assumem uma dimensão peculiar, pois estão intrinsecamente associados à identidade cultural e social dos falantes. A língua, enquanto um sistema cultural de apreensão e representação do mundo, não apenas reflete a organização social, mas também atua como instrumento de poder e de demonstração de *status*, determinando hierarquias entre diferentes formas de expressão.

A linguagem, como elemento constitutivo das sociedades, é um fenômeno multifacetado que transcende a comunicação funcional, tornando-se um locus de manifestação das relações de poder, conflitos identitários e ideologias sociais. Nesse sentido, as atitudes linguísticas desempenham um papel crucial na manutenção ou na desconstrução de preconceitos associados às variantes linguísticas. Bagno (2017) argumenta que tais atitudes frequentemente estão impregnadas de valores culturais e sociais que favorecem as normas padronizadas, em detrimento das variedades regionais ou sociais menos prestigiadas. Assim, a análise das atitudes linguísticas permite vislumbrar os mecanismos por meio dos quais se estruturam as relações de poder entre grupos sociais e suas manifestações linguísticas.

Este estudo parte da premissa de que as atitudes linguísticas não são estáticas, mas construções sociais e culturais que podem ser moldadas pela educação e pela experiência. A formação acadêmica, especialmente em cursos de licenciatura, oferece um espaço privilegiado para a reflexão crítica sobre o papel da linguagem como instrumento de inclusão ou exclusão. Com base em Cyranka (2007), além de outros teóricos da sociolinguística, entende-se que o contato com componentes curriculares voltadas para a diversidade linguística e o combate ao preconceito podem influenciar significativamente as atitudes dos acadêmicos, promovendo a valorização da variedade linguística.

Para investigar essas questões, este trabalho analisa as atitudes linguísticas de acadêmicos de licenciatura em diferentes estágios de formação, considerando suas percepções sobre três variedades linguísticas: a rural, a urbana e a rurbana. A pesquisa foi conduzida com base na metodologia de Lambert *et al.* (1960), utilizando questionários de atitudes que avaliaram como os participantes percebem os adjetivos *inteligente*, *rica*, *honesto* e *alegre* em relação a essas diferentes variantes. O objetivo central é compreender como as crenças subjacentes a essas percepções refletem os estereótipos sociais e como a formação acadêmica pode contribuir para desconstruí-los.

Os resultados apresentados neste artigo buscam contribuir para a ampliação do conhecimento sobre a relação entre linguagem e sociedade, destacando o papel da educação na promoção de atitudes mais inclusivas e menos estigmatizadas. Ao analisar as variações nas percepções de *status* e *solidariedade* ao longo dos cursos de licenciatura, espera-se fornecer subsídios para a formulação de políticas educacionais que valorizem a diversidade linguística como um recurso cultural e pedagógico, em vez de um marcador de exclusão social.

Por fim, este estudo reafirma a relevância da sociolinguística como campo interdisciplinar que não apenas descreve as práticas linguísticas, mas também as analisa criticamente, propondo caminhos para transformar as relações entre língua, poder e sociedade. Ao abordar as atitudes linguísticas como um fenômeno dinâmico e multifacetado, este trabalho busca contribuir para a formação de educadores comprometidos com a valorização da pluralidade linguística e com a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva.

Para sustentar essa análise e propor avanços nesse campo, torna-se imprescindível detalhar os pressupostos metodológicos que fundamentaram a condução deste estudo, esclarecendo os procedimentos adotados para a coleta, análise e interpretação dos dados que embasam as discussões apresentadas.

1. Pressupostos metodológicos

Esta seção descreve em detalhes os métodos utilizados na pesquisa, abordando sua natureza, objetivos, abordagem e procedimentos técnicos, de forma a garantir rigor e clareza metodológica. O estudo apresenta o percurso adotado e os recursos empregados para a coleta de dados, assegurando que as interferências do observador fossem minimizadas. Abrange a constituição do corpus, o local da pesquisa, o perfil dos participantes e os instrumentos aplicados, com foco nos testes de crenças e atitudes linguísticas.

A pesquisa teve sua motivação inicial a partir do contato do autor com estudantes de licenciatura durante sua atuação como professor no Instituto Federal do Tocantins (IFTO), Campus Palmas, entre os anos de 2015 e 2017. O interesse pelo tema surgiu de discussões recorrentes sobre sociolinguística e do incentivo dos próprios estudantes, que sugeriram a exploração de crenças e atitudes linguísticas como objeto de investigação. A orientação inicial foi conduzida pelo professor Dr. Daniel Marra, que desempenhou papel fundamental ao estimular o aprofundamento no tema por meio de leituras específicas e reflexões críticas. Com base no reconhecimento da relevância dos estudos de Cyranka (2007) e de trabalhos correlatos, decidiu-se que a pesquisa exploraria a influência da formação docente sobre as crenças e atitudes linguísticas de estudantes de licenciatura sobre os usos diversos da língua portuguesa.

Do ponto de vista metodológico, a pesquisa se caracteriza por ser de natureza básica, com uma abordagem quanti-qualitativa. Essa abordagem permitiu integrar a

análise de dados numéricos e discursivos, ampliando a profundidade interpretativa do estudo. Classificada como descritiva, buscou identificar e compreender características e relações entre variáveis. Foram empregadas técnicas reconhecidas, como a aplicação de questionários e a observação sistemática, conforme preconizado por Gil (1991). Para a análise sociolinguística, foram adotadas as abordagens teóricas e metodológicas de Labov (2008) e Bortoni-Ricardo (2004), que possibilitaram investigar as relações entre variação linguística e fatores sociais.

O corpus da pesquisa foi constituído por questionários aplicados a uma amostra de 48 estudantes de licenciatura do IFTO, distribuídos entre os cursos de Letras, Física, Matemática e Educação Física. A amostra foi estratificada com base em critérios como curso, gênero e estágio acadêmico (início e conclusão), o que permitiu uma análise segmentada e robusta dos dados. Os participantes avaliaram áudios de falantes representando três perfis linguísticos distintos – rural, rurbano e urbano –, cujas características foram previamente definidas para garantir rigor metodológico.

Os instrumentos de coleta de dados consistiram em dois testes principais: o Teste de Crenças e o Teste de Atitudes. O Teste de Crenças visou explorar as opiniões dos participantes sobre a língua e suas variações linguísticas. Para isso, foram apresentadas afirmações que deveriam ser classificadas como verdadeiras ou falsas, permitindo uma compreensão ampla das percepções individuais e coletivas sobre padrões e usos linguísticos. O Teste de Atitudes, por sua vez, buscou avaliar as percepções dos participantes em relação a diferentes perfis sociais e linguísticos. Nesse procedimento, os participantes ouviram três áudios de indivíduos representando variedades linguísticas distintas e, em seguida, atribuíram uma nota de 0 a 7 para os vários adjetivos, entre eles, adjetivos como "inteligente" e "honesto" a cada falante. Essa etapa foi essencial para desvendar como aspectos sociais influenciam as atitudes em relação ao uso da língua.

Os áudios utilizados foram gravados de acordo com critérios rigorosos, incluindo a escolaridade e a variedade linguística dos falantes. No momento da gravação foi orientado aos participantes das variedades linguísticas (rural, urbana, rurbana) que contarem histórias das brincadeiras que faziam quando crianças. Além disso, para assegurar uniformidade e minimizar possíveis influências de tempo de exposição, todas as gravações foram editadas de maneira padronizada, com 1 (um) minuto de duração. Antes da exposição dos áudios aos estudantes foi feito um sorteio da ordem da apresentação dos mesmos, sendo a ordem sorteada: rural, urbana e rurbana (BORTONI-RICARDO, 2004).

Esses cuidados metodológicos foram imprescindíveis para garantir a consistência na análise e a confiabilidade dos resultados interpretados.

A pesquisa foi conduzida no Instituto Federal do Tocantins (IFTO), Campus Palmas, uma instituição amplamente reconhecida por sua significativa contribuição à formação educacional e tecnológica na região. Esse ambiente, marcado por sua diversidade cultural e por sua ênfase em práticas pedagógicas inovadoras, revelou-se especialmente propício para a investigação das atitudes linguísticas em cursos de licenciatura. A coleta de dados, realizada em dezembro de 2017, foi estrategicamente planejada para coincidir com o período de maior disponibilidade dos estudantes, garantindo uma ampla participação e um envolvimento efetivo dos acadêmicos no processo investigativo.

O vínculo institucional do autor com o IFTO desempenhou um papel fundamental no desenvolvimento desta pesquisa, permitindo um acesso facilitado às turmas participantes e fomentando um ambiente colaborativo e familiar. Tal proximidade também foi determinante para a condução da coleta de dados de maneira organizada e para o estabelecimento de relações de confiança entre os participantes e o pesquisador, essenciais para a qualidade das informações obtidas.

Esse contexto institucional e temporal não apenas viabilizou a pesquisa, mas também ofereceu as condições necessárias para que os dados fossem analisados sob uma fundamentação teórica sólida. As discussões e reflexões realizadas ao longo do estudo ancoraram-se em abordagens contemporâneas da sociolinguística e das ciências sociais, articulando conceitos como atitudes linguísticas, diversidade e preconceito, e sua relação com práticas educativas.

A seguir, serão apresentados os fundamentos teóricos que embasaram este trabalho, proporcionando uma visão abrangente das perspectivas conceituais que sustentaram a análise dos dados e a interpretação dos resultados, fortalecendo as contribuições desta pesquisa para o campo educacional.

2. O que são atitudes?

O conceito de atitude possui uma vasta gama de interpretações e definições, sendo explorado por diversas áreas do conhecimento. No entanto, ao se analisar seu significado no contexto dos estudos sociolinguísticos, é essencial delinear um entendimento abrangente, que contemple suas dimensões cognitivas, afetivas e comportamentais, sem

desconsiderar os fatores sociais e culturais que as influenciam. Essa abordagem permite uma compreensão mais robusta do fenômeno e estabelece conexões significativas entre a sociolinguística e outras áreas, como a psicologia social, campo em que o conceito de atitude foi amplamente explorado por Lambert e Lambert (1972).

Para esses autores, a atitude é definida como:

Uma maneira organizada e coerente de pensar, sentir e reagir em relação a pessoas, grupos, questões sociais ou, mais genericamente, a qualquer acontecimento ocorrido em nosso meio circundante. Seus componentes essenciais são os pensamentos e as crenças, os sentimentos (ou emoções) e as tendências para reagir. Dizemos que uma atitude está formada quando esses componentes se encontram de tal modo inter-relacionados que os sentimentos e tendências reativas específicas ficam coerentemente associados com uma maneira particular de pensar em certas pessoas ou acontecimentos” (LAMBERT; LAMBERT, 1972, p. 77-78).

Esse entendimento evidencia a interação constante entre os aspectos emocionais, racionais e comportamentais que constituem uma atitude, refletindo a complexidade do fenômeno. Embora essa definição tenha sido desenvolvida no âmbito da psicologia social, suas implicações estendem-se a outros campos, como a linguística, sobretudo em relação às atitudes que os falantes demonstram diante de diferentes variantes ou línguas.

2.1 A complexidade do termo atitude

Assim como as crenças, definir o que é atitude não é tarefa simples, pois o termo está intrinsecamente ligado a diferentes campos semânticos e contextos. Embora tenha um significado lexical relativamente estável, atitude pode ser compreendida de maneira distinta em diversas áreas. Conforme Houaiss (2010), atitude é descrita como “posição; postura; modo de proceder ou agir; comportamento, procedimento; disposições do ânimo para agir; reveladora dos sentimentos; reação ou maneira de ser, em relação a pessoas, objetos ou situações”. Essa polissemia reflete sua aplicabilidade em variados contextos, como o religioso, político, linguístico e social.

Na sociolinguística, o conceito de atitude ganha contornos específicos. Bagno (2017, p. 21), ao abordar atitudes linguísticas, afirma que:

São opiniões, concepções ou mesmo manifestações concretas que as pessoas têm acerca de sua própria língua, da(s) língua(s) de outros grupos sociais e, sobretudo, da variação linguística. O caso mais

frequente em sociedades letradas é das atitudes que os falantes assumem na comparação que fazem entre as formas linguísticas padronizadas, que formam a base da norma-padrão, e as demais variedades empregadas em seu meio social, sobretudo as de menor prestígio (BAGNO, 2017, p. 21).

Essa definição destaca a relevância das atitudes linguísticas no contexto sociolinguístico, uma vez que elas são mediadas pelas crenças e percepções dos falantes. No Brasil, por exemplo, um país marcado pela diversidade linguística e cultural, o estudo das atitudes linguísticas revela-se ainda mais significativo. Conforme Moreno Fernández (1998), as atitudes podem influenciar diretamente a preservação ou abandono de variedades linguísticas, determinando o prestígio ou o estigma associado a elas:

Uma atitude favorável ou positiva pode fazer com que uma mudança linguística se cumpra mais rapidamente [...] Uma atitude desfavorável ou negativa pode levar ao abandono e ao esquecimento de uma linguagem ou impedir a difusão de uma variante ou uma mudança linguística (MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p. 179, tradução nossa).³

2.2 Atitudes e crenças: um diálogo intrínseco

O estudo das atitudes não pode ser separado das crenças, pois ambas são dimensões interdependentes. Enquanto a crença pode ser definida como uma convicção ou opinião subjetiva acerca de determinado objeto ou fenômeno, a atitude representa a predisposição para agir em conformidade com essas crenças. Cyranka (2007) argumenta que o modo como reagimos a uma situação é diretamente influenciado por nossas crenças, que moldam nossa percepção de mundo.

Nesse contexto, semelhante a Dewey (1933), Barcelos (2006) descreve crença como:

uma forma de pensamento, como construções da realidade, maneiras de ver e perceber o mundo e seus fenômenos, co-construídas em nossas experiências resultantes de um processo interativo de interpretação e (re)significação. Como tal, crenças são sociais (mas também individuais), dinâmicas, contextuais e paradoxais Construções de realidade, maneiras de ver e perceber o mundo e seus fenômenos,

³ Una actitud favorable o positiva puede hacer que un cambio lingüístico se cumpla más rápidamente, que en contextos predomine el uso de una lengua en detrimento de otra, que la enseñanza-aprendizaje de una lengua extranjera sea más eficaz, que ciertas variantes lingüísticas se confinen a los contextos menos formales y otras predominen en los estilos cuidados. Una actitud desfavorable o negativa puede llevar al abandono y el olvido de una lengua o impedir la difusión de una variante o un cambio lingüístico lingüística (MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p. 179).

construídos em nossas experiências e resultantes de um processo interativo de interpretação e (re)significação. Como tal, crenças são sociais (mas também individuais), dinâmicas, contextuais e paradoxais (BARCELOS, 2006, p. 144 *apud* CYRANKA, 2014, p. 144).

Essa interdependência entre crenças e atitudes é particularmente relevante na análise de fenômenos sociolinguísticos. López Morales (2004) enfatiza que ambas influenciam o uso linguístico em contextos sociais específicos, podendo promover tanto a valorização quanto a estigmatização de variantes linguísticas. Tal perspectiva é fundamental para compreender como crenças e atitudes interagem no desenvolvimento de fenômenos como o preconceito linguístico, a insegurança linguística e o prestígio de determinadas variedades da língua.

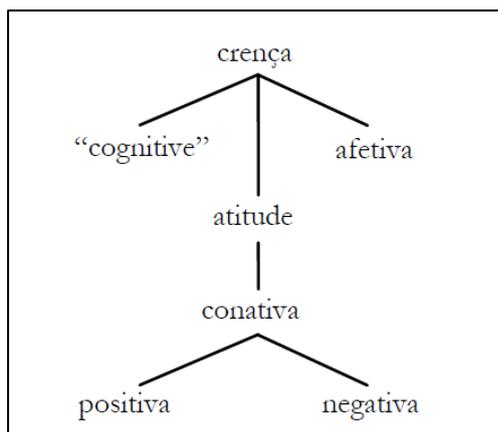
2.3 Componentes das atitudes

As atitudes são tradicionalmente descritas como constituídas por três componentes principais: cognitivo, afetivo e comportamental. Segundo Lambert e Lambert (1972), para que uma atitude se constitua, é necessário que esses três elementos estejam interligados de maneira coerente, de modo que o pensamento, os sentimentos e as reações estejam alinhados. O componente cognitivo refere-se às crenças e conhecimentos; o afetivo, às emoções e sentimentos; e o comportamental, às ações e tendências de reação.

Rodrigues (1972, p. 400) observa que “as atitudes possuem um componente ativo, instigador de comportamentos coerentes com as cognições e os afetos relativos aos objetos atitudinais.” Essa inter-relação evidencia que as atitudes não são estáticas, mas dinâmicas, evoluindo ao longo do tempo com base em novas experiências e contextos sociais. Moreno Fernández (1998) acrescenta que atitudes positivas ou negativas podem influenciar diretamente o comportamento linguístico dos falantes, impactando a manutenção, o abandono ou a modificação de variantes linguísticas.

Essa estrutura de componentes das atitudes pode ser ilustrada conforme a figura abaixo:

Figura 1. Relação entre crença e atitude segundo López Morales.



Fonte: López Morales, 2004, p. 235.

2.4 A importância sociolinguística das atitudes

No campo da sociolinguística, as atitudes linguísticas são manifestações das atitudes sociais, refletindo julgamentos e valores atribuídos às variedades da língua e aos seus falantes. Conforme Labov (2008), as atitudes linguísticas muitas vezes emergem de forma inconsciente, mas podem ser mensuradas por meio de metodologias como a técnica *matched guise*, que avalia reações subjetivas dos falantes a diferentes variantes linguísticas.

Essa análise é essencial em sociedades plurilíngues e multiculturais, como o Brasil, onde a diversidade linguística é atravessada por desigualdades sociais, políticas e econômicas. Conforme argumenta Pastoreli (2012),

É natural que falantes de línguas distintas, ou de um mesmo idioma, quando colocados em contato, inevitavelmente assumam para si certas atitudes diante das diferenças que percebem nos ‘falares alheios’, ainda que estejam tentando estabelecer comunicação numa língua comum para ambos (PASTORELI, 2012, p. 248).

Essa reflexão ressalta a importância de compreender as atitudes linguísticas como fenômenos sociais, que não apenas refletem, mas também perpetuam estruturas de poder e desigualdade. A análise das atitudes revela sua natureza complexa e multifacetada, sendo constituída por crenças, emoções e comportamentos que interagem em contextos sociais específicos. No campo sociolinguístico, as atitudes linguísticas desempenham um papel crucial na dinâmica de variação e mudança linguística, bem como na manutenção ou ruptura de estigmas e preconceitos.

Portanto, estudar as atitudes é fundamental para compreender como as línguas são

usadas, avaliadas e transformadas em diferentes contextos sociais, evidenciando sua inter-relação com crenças e estruturas culturais mais amplas. Com base nessa perspectiva, os resultados obtidos nesta pesquisa oferecem uma visão detalhada das percepções linguísticas dos acadêmicos investigados, permitindo uma discussão crítica sobre a relação entre os dados coletados e as dinâmicas sociolinguísticas que os permeiam. Na seção seguinte, serão apresentados e analisados os resultados, conectando as descobertas empíricas às questões teóricas discutidas, a fim de aprofundar o entendimento das atitudes linguísticas no contexto educacional abordado.

3. O teste de atitudes: resultados e discussões

Este item foi desenvolvido a partir da geração de dados, por meio da pesquisa de campo realizada através de um questionário de atitudes aplicado como um teste de medida indireta. Avaliaram-se quais são as atitudes linguísticas dos sujeitos participantes sobre a fala de outros falantes cujos discursos foram gravados em áudios e apresentados a eles. Para tanto, foram analisados, qualitativamente, os dados quantitativos gerados, a partir da perspectiva da sociolinguística, de gerar novos conhecimentos sobre “atitudes e crenças sobre o uso da fala”. Com isso, buscou-se entender e descobrir novos fenômenos acerca do assunto, a partir do que se compreendeu por meio da metodologia utilizada por Lambert et al. (1960), Cyranka (2007), Andrade (2014) e Barbosa e Cuba (2015).

Desse modo, a análise foi desenvolvida sob a percepção de que quando ouvimos a voz de uma pessoa, sem vê-la, formamos impressões sobre ela, e isso é o que chamamos de atitudes linguísticas, com base em Cyranka (2007), ancorada nas perspectivas de Lambert et al. (1960). Por conseguinte, firmados nas concepções desses autores compreende-se que toda atitude linguística é fundamentada nas crenças que esses indivíduos, sujeitos sociais têm.

E foi nessa compreensão que a pesquisa foi desenvolvida, trazendo a geração de dados que aqui se discute, pois as perguntas foram respondidas com base na escuta de trechos de falas gravados, cada uma delas trazendo a voz de uma pessoa diferente. Depois de ouvir essas falas os acadêmicos indicaram a impressão causada sobre os adjetivos selecionados, relacionando a fala a uma possível ocupação do informante.

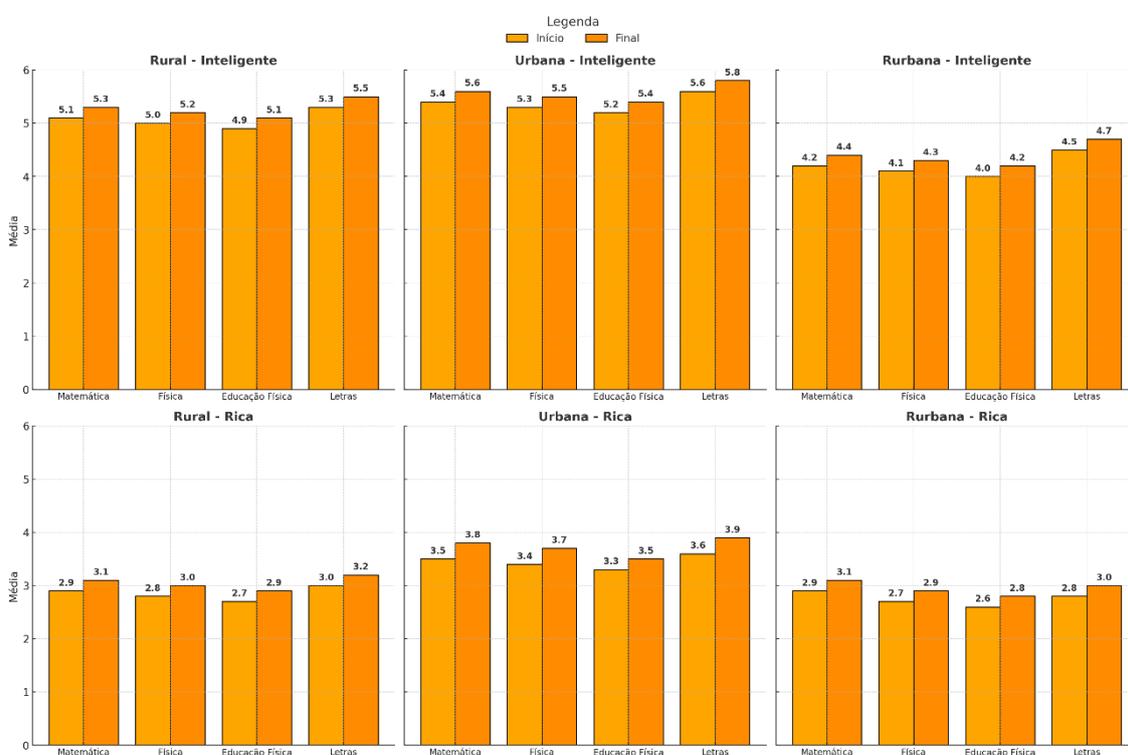
Para tanto, no que cabe ao teste de atitudes, delimitou-se a análise da variável status (poder), por meio dos adjetivos “inteligente” e “rica”; e da variável solidariedade, através dos adjetivos “honesta” e “alegre”. O objetivo, nesses casos, foi o de entender o

comportamento linguístico dos participantes da pesquisa através das ações realizadas pelos indivíduos nas situações determinadas. Nessa análise, interessava comparar as atitudes subjetivas dos acadêmicos de diferentes licenciaturas e níveis socioculturais, no início e fim dos cursos, em relação a três variedades linguísticas: a rural, a urbana e a rurbana. Com isso, objetivou-se verificar como esses acadêmicos percebem o uso da língua padrão e não-padrão.

De igual modo, o teste de atitudes foi desenvolvido na perspectiva de verificar quais são as atitudes linguísticas dos acadêmicos de cursos de licenciatura em relação ao próprio uso da língua e sobre os usos de outras pessoas, bem como qual a avaliação desses acadêmicos em relação a avaliação linguística com que estão familiarizados, diante da variante mais prestigiada, que a escola apresenta como sendo a única digna de estudo e ensino.

Inicialmente, foi analisada a percepção dos acadêmicos, no que cabe às crenças implícitas às atitudes apontadas pelo falante I (Variedade Rural), quanto à análise da variável status (poder), por meio do adjetivo “inteligente”, a partir da variedade linguística rural:

Gráfico 1. Gráfico com média geral do teste de atitudes aplicado aos estudantes com os resultados da variável *status* (inteligente e rica) dos falantes I, II e III.



Fonte: CÂNDIDO-RODRIGUES (2019)

Os dados apresentados fornecem uma visão detalhada das percepções linguísticas em relação às variáveis status – "inteligente" e "rica" – considerando as variedades rural (F1), urbana (F2) e rurbana (F3), segmentadas por cursos de licenciatura (Matemática, Física, Educação Física e Letras) e fases do curso (início e final). A análise evidencia padrões significativos que refletem o impacto da formação acadêmica na desconstrução de preconceitos linguísticos.

3.1 Análise da variedade rural (f1)

3.1.1 Adjetivo *inteligente*

No início dos cursos, a variante rural é percebida como menos "inteligente", com médias consistentemente inferiores às demais variantes. Esse dado reflete o que Lambert e Lambert (1972) apontam como atitudes linguísticas moldadas por crenças prévias, onde aspectos cognitivos, afetivos e sociais influenciam julgamentos linguísticos. Essas percepções demonstram o impacto de estereótipos sociais historicamente construídos que vinculam variantes rurais a traços de menor competência ou sofisticação.

Entretanto, ao final dos cursos, observamos uma evolução significativa, especialmente em Letras, cuja média inicial de 3,7 salta para 5,6. Essa mudança reforça o que Bagno (2017) argumenta sobre a desconstrução de mitos linguísticos em contextos educacionais voltados à reflexão crítica. O currículo de Letras, ao promover o estudo da diversidade linguística e sua função social, parece contribuir diretamente para uma reavaliação positiva das variantes não padrão.

Por outro lado, nos cursos de Matemática e Física, a progressão é menos acentuada. Esses cursos, frequentemente focados em abordagens técnicas, apresentam uma média inicial já relativamente elevada (5,1 e 4,2, respectivamente), indicando uma percepção menos polarizada desde o início. Essa diferença pode estar relacionada ao que Cyranka (2007) descreve como a ausência de uma formação específica voltada para questões linguísticas e sociais em áreas técnicas.

3.1.2 Adjetivo *rica*

A associação entre riqueza e a variante rural permanece a mais baixa entre as três variedades, mesmo ao final dos cursos. Esse padrão reflete a estigmatização das variantes rurais em relação ao poder econômico, conforme discutido por Aguilera (2008), que aponta a relação entre prestígio social e variantes urbanas dominantes.

No curso de Educação Física, por exemplo, a média inicial de 1,6 progride apenas para 3,6. Essa resistência à mudança pode ser explicada pelo que Moreno Fernández (1998) chama de "estigmas linguísticos profundos", que conectam status econômico à norma urbana. Já a leve progressão observada nos cursos de Ciências Exatas (Matemática e Física) pode indicar uma tendência inicial menos influenciada por preconceitos explícitos, mas ainda distante de uma desconstrução crítica mais significativa.

3.2 Análise da variedade urbana (f2)

3.2.1 Variante (adjetivo) *inteligente*

A variante urbana mantém sua posição de destaque na variável "inteligente". Acadêmicos de todos os cursos atribuem as médias mais altas a essa variante tanto no início quanto no final dos cursos, embora com diferenças de intensidade. Esse fenômeno está alinhado com os achados de Labov (2008), que demonstram como variantes urbanas são percebidas como mais competentes devido à associação histórica com centros de poder e educação formal.

Em Letras, a média cresce de 5,6 para 5,8, demonstrando que os acadêmicos consolidam sua percepção do prestígio urbano como um reflexo de hegemonias culturais. Segundo Bagno (2017), essa valorização está diretamente relacionada à gramática normativa e sua associação com padrões hegemônicos de poder. Em Educação Física, o salto de 5,0 para 5,5 evidencia um alinhamento crescente com a percepção social predominante, reforçando como a exposição limitada a uma crítica sociolinguística pode perpetuar estereótipos.

3.2.2 Variante (adjetivo) *rica*

A variante urbana também lidera na percepção de riqueza, consolidando-se como a mais associada ao poder econômico. Os cursos de Matemática e Educação Física apresentaram os maiores aumentos, refletindo o impacto de discussões curriculares que podem ter desafiado as crenças iniciais dos acadêmicos. Em Matemática, a média inicial de 3,5 alcança 4,1, destacando uma evolução significativa.

Essa hegemonia da variante urbana, conforme Moreno Fernández (1998), reflete a perpetuação de padrões linguísticos privilegiados, especialmente em contextos educacionais que não abordam diretamente o impacto do preconceito linguístico nas percepções sociais.

3.3 Variedade rurbana (f3)

3.3.1 Variante (adjetivo) *inteligente*

A variante rurbana ocupa uma posição intermediária, sendo menos valorizada do que a urbana, mas mais aceita do que a rural. Em Educação Física, por exemplo, a média inicial de 3,8 cresce para 4,4, mostrando uma leve valorização dessa variante. Essa posição intermediária reflete o que López Morales (2004) descreve como "complexidade das variantes híbridas", que enfrentam desafios para serem plenamente aceitas devido à falta de visibilidade social.

A maior progressão foi registrada em Letras, com a média subindo de 4,1 para 4,6, demonstrando que a formação específica dos acadêmicos contribuiu para a desconstrução de estigmas em relação às variantes híbridas. Esse dado está alinhado com os achados de Cyranka (2007), que destacam o papel da educação linguística crítica na valorização da diversidade.

3.3.2 Variante (adjetivo) *rica*

A percepção de riqueza associada à variante rurbana continua baixa, com progressões tímidas ao longo dos cursos. Em Física, a média inicial de 2,5 sobe apenas para 2,8, revelando que essa variante enfrenta desafios para ser associada a características de status elevado. Segundo Aguilera (2008), isso se deve à persistência de associações sociais que vinculam riqueza e poder exclusivamente às variantes urbanas.

3.4 Comparações entre cursos

Os cursos de Letras e Educação Física demonstraram as mudanças mais acentuadas nas médias atribuídas às variantes rural e rurbana, refletindo currículos que possivelmente incluem discussões sobre diversidade linguística e preconceito. Por outro lado, matemática e Física apresentaram médias iniciais mais equilibradas, com progressões menos dramáticas, sugerindo que esses cursos já partem de percepções menos estigmatizadas. Essa diferença pode ser compreendida à luz do que Bagno (2017) descreve como a "distância disciplinar" entre áreas técnicas e humanísticas no tratamento de questões linguísticas e culturais.

Os dados analisados reforçam o impacto da formação docente na desconstrução de preconceitos linguísticos. Acadêmicos demonstram mudanças perceptíveis,

especialmente na variável "inteligente", onde as variedades rural e rurbana ganharam maior aceitação ao longo dos cursos. No entanto, crenças relacionadas ao poder econômico permanecem mais resistentes, refletindo a complexidade dos estereótipos sociais enraizados, conforme analisado por Aguilera (2008) e Lambert e Lambert (1972).

Os resultados destacam a relevância de práticas pedagógicas críticas na formação docente. Embora os cursos de licenciatura demonstrem progresso na desconstrução de preconceitos linguísticos, as mudanças são mais evidentes nas percepções de inteligência e menos nas de status econômico. A necessidade de intervenções que abordem de maneira mais incisiva as associações sociais e culturais é evidente, especialmente para preparar futuros educadores a valorizar a diversidade linguística em suas práticas pedagógicas.

Essa análise minuciosa reforça a importância de pesquisas continuadas que explorem os impactos das políticas educacionais e dos currículos na formação de atitudes linguísticas mais inclusivas.

3.5 A dimensão “rica” e sua relação com o prestígio social

A percepção de status econômico, medida pelo adjetivo "rica", apresentou padrões distintos daqueles observados para "inteligente". As variantes rural e rurbana continuaram a receber médias inferiores mesmo ao final dos cursos, embora tenha havido uma progressão tímida em comparação às médias iniciais. Para a variante rural, a média inicial de 1,6 subiu para 3,6 no curso de Educação Física, enquanto em Física, a média progrediu de 2,5 para apenas 2,8, evidenciando a dificuldade em desconstruir os estigmas associados a essa variante.

Essa resistência à mudança reflete o que Moreno Fernández (1998) descreve como a força dos estigmas sociais no reforço das associações entre riqueza e prestígio linguístico, normalmente atribuídas às variantes urbanas. Os dados corroboram a perspectiva de Bagno (2017), segundo a qual o preconceito linguístico está intrinsecamente ligado ao prestígio social das variantes urbanas, frequentemente associadas a maior poder aquisitivo e status.

No entanto, a variante urbana se destaca com as médias mais altas na dimensão "rica", partindo de 3,5 para 4,1 no curso de Matemática e de 3,6 para 4,5 no curso de Educação Física. Esses resultados refletem como a hegemonia cultural e econômica das variantes urbanas ainda domina as percepções, alinhando-se com os argumentos de Lambert e Lambert (1972) sobre a internalização de crenças sociais prévias. A maior

neutralidade observada entre os acadêmicos de Matemática e Física sugere que a ausência de um enfoque específico em questões sociolinguísticas em seus currículos pode contribuir para uma visão mais estática, enquanto a progressão observada nos cursos de Educação Física e Letras demonstra o impacto de abordagens pedagógicas críticas.

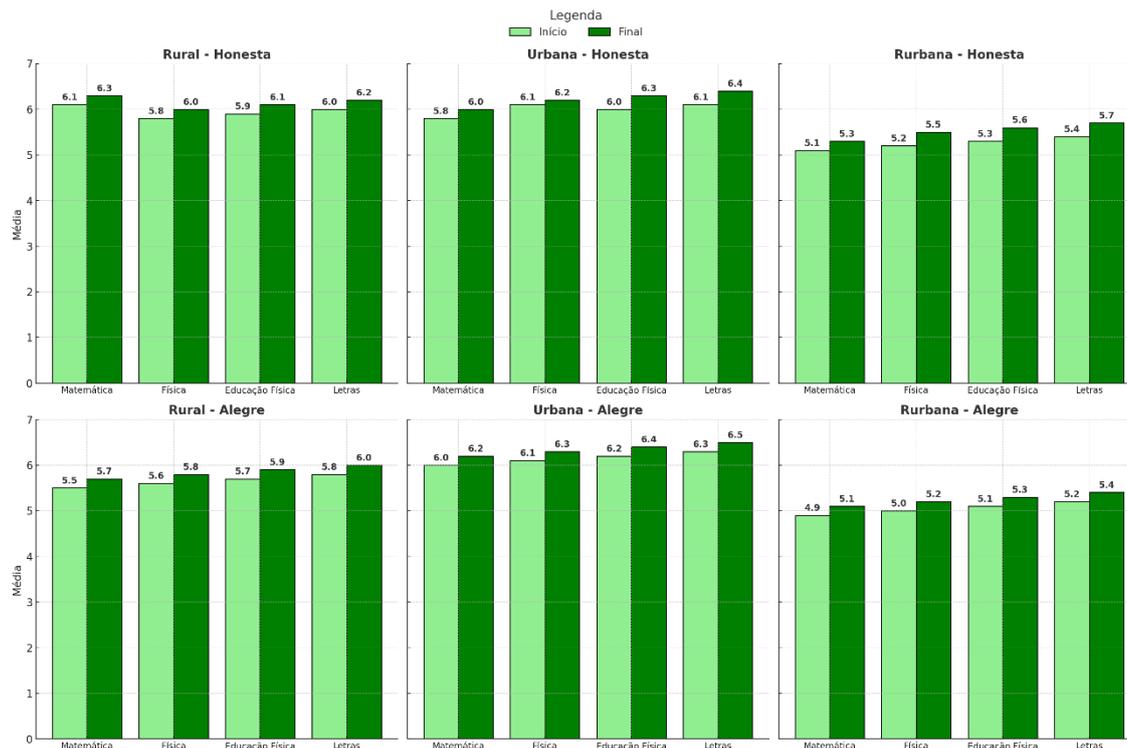
3.6 Solidariedade e resiliência das percepções positivas

No domínio da solidariedade, representado pelos adjetivos “honesta” e “alegre”, as variedades rural e rurbana mantiveram-se como as mais valorizadas. No início dos cursos, a variante rural teve uma média de 4,8 para "honesta", mantendo-se praticamente constante ao final dos cursos, com 4,9 no curso de Letras. Já a variante rurbana partiu de 4,0 para "honesta" e alcançou 4,4 ao final, demonstrando maior resiliência em relação às percepções positivas.

A associação da variante rural com "honesta" reflete um estereótipo cultural profundamente enraizado, conforme discutido por Cyranka (2007), que relaciona as crenças afetivas à valorização de aspectos autênticos e integrativos. Por outro lado, o adjetivo "alegre" apresentou maior valorização para a variante urbana, partindo de 4,2 para 4,6 no curso de Educação Física, destacando uma crença associativa que vincula a vida urbana a um dinamismo e bem-estar superiores.

Esses resultados são consistentes com a análise de Labov (2008), que aponta para o papel das representações culturais e midiáticas na construção de percepções sociais. A formação acadêmica, nesse caso, pouco impactou as percepções prévias, sugerindo que crenças relativas à solidariedade têm raízes profundas e são menos suscetíveis às intervenções pedagógicas formais.

Gráfico 1. Gráfico com média geral do teste de atitudes aplicado aos estudantes com os resultados da variável *solidariedade* (honesta e alegre) dos falantes I, II, e III



Fonte: CÂNDIDO-RODRIGUES (2019)

3.7 Análise da variável solidariedade

No estudo das atitudes linguísticas, a dimensão da solidariedade, representada pelos adjetivos "honesta" e "alegre", configura-se como um eixo de análise de especial relevância, dada sua capacidade de revelar estereótipos culturais e crenças subjacentes às interações sociais. Esses atributos, impregnados de significações simbólicas, remetem a valores sociais associados a diferentes variantes linguísticas – rural, urbana e rurbana –, cuja análise evidencia a influência de contextos acadêmicos na construção ou desconstrução de preconceitos linguísticos.

3.7.1. Adjetivo *honesta*

A percepção de honestidade, especialmente vinculada à variante rural (F1), remonta a estereótipos que associam os falantes dessa variante a valores de autenticidade, simplicidade e integridade moral, muitas vezes idealizados. Os dados refletem que, no início dos cursos, a variante rural apresentava médias consistentemente elevadas, especialmente em Letras (5,1) e Matemática (5,0). Essas percepções alinham-se aos argumentos de Cyranka (2007), que destacam a força dos estereótipos culturais na formação de atitudes linguísticas.

Ao longo do curso, observa-se um incremento moderado, mas significativo, na valorização dessa variante em cursos com abordagem sociolinguística mais reflexiva. Em Letras, a média salta de 5,1 para 5,6, sugerindo que o contato com disciplinas críticas que exploram a diversidade linguística contribuiu para a consolidação de uma percepção positiva. Em Física, no entanto, a evolução é menos acentuada, passando de 4,7 para 4,8, o que pode ser atribuído à ausência de uma abordagem curricular que problematize o papel das variantes não padrão.

A variante urbana (F2), por outro lado, registra percepções relativamente estáveis e ligeiramente superiores nas áreas de Ciências Exatas. Em Matemática, a média inicial de 5,3 evolui para 5,7, demonstrando que a associação positiva entre urbanidade e honestidade se mantém constante. Essa tendência reflete o que Labov (2008) descreve como a hegemonia cultural das variantes urbanas, frequentemente associadas a atributos desejáveis em contextos sociais formais.

Por fim, a variante rurbana (F3) ocupa uma posição intermediária, com médias iniciais de 4,9 em Matemática e 4,8 em Física, apresentando progressões modestas ao longo do curso. Em Letras, contudo, a média final alcança 5,4, indicando que o ambiente acadêmico propicia uma reavaliação mais positiva dessa variante, como apontado por López Morales (2004), que enfatiza a complexidade das variantes híbridas no imaginário social.

3.7.2 Adjetivo *alegre*

A percepção de alegria, quando associada às variantes linguísticas, revela um padrão diverso, no qual a variante urbana (F2) emerge como a mais valorizada. Desde o início dos cursos, as médias atribuídas a essa variante destacam-se, com 5,3 em Matemática e 5,2 em Educação Física. Essa valorização sustenta-se no estereótipo que vincula o ambiente urbano ao dinamismo, vitalidade e bem-estar, características amplamente reforçadas por representações culturais e midiáticas, como analisa Labov (2008).

Ao longo do curso, a variante urbana mantém sua hegemonia, registrando progressões em todas as áreas. Em Matemática, a média sobe de 5,3 para 5,8, enquanto em Educação Física, o aumento é de 5,2 para 5,6. Esse padrão reforça a percepção de que o dinamismo urbano, frequentemente associado a características positivas, é menos suscetível a desconstruções em contextos educacionais.

A variante rural (F1), por sua vez, apresenta médias iniciais mais modestas, especialmente em Física (4,2), mas registra avanços significativos em Letras, passando de 4,5 para 5,2. Essa evolução sugere que, em contextos acadêmicos que incentivam a valorização da diversidade linguística, a variante rural pode ser ressignificada e dissociada de estereótipos de rigidez ou monotonia frequentemente associados ao meio rural.

A variante rurbana (F3), com médias iniciais de 4,3 em Educação Física e 4,9 em Matemática, revela progressões tímidas na maioria dos cursos, alcançando 5,0 ao final em Educação Física. Esse desempenho intermediário reflete o que Cyranka (2007) descreve como a resistência das crenças implícitas em relação a variantes híbridas, que, embora reconhecidas como legítimas, carecem de prestígio suficiente para superar associações negativas ou neutras.

3.8 Análise integrada

A análise integrada das percepções de "honesto" e "alegre" destaca dinâmicas distintas nas atitudes linguísticas em relação às variantes. A variante rural permanece robusta na dimensão "honesto", enquanto a variante urbana domina amplamente em "alegre". Esse padrão reflete a coexistência de estereótipos positivos e negativos que interagem com as identidades sociais atribuídas aos falantes.

Os cursos de Letras desempenham um papel crucial na desconstrução de preconceitos, promovendo maior valorização das variantes não padrão. A progressão expressiva nas médias finais para as variantes rural e rurbana em "honesto" e "alegre" sugere que currículos voltados à reflexão crítica podem gerar mudanças perceptíveis. Em contraste, as áreas de Ciências Exatas apresentam evoluções mais discretas, alinhando-se ao argumento de Bagno (2017) de que a ausência de um enfoque sociolinguístico limita a desconstrução de estereótipos linguísticos.

Os dados analisados reforçam a resiliência das percepções culturais em torno das variantes linguísticas, especialmente na dimensão da solidariedade. Enquanto "honesto" emerge como um atributo valorizado na variante rural, "alegre" permanece mais fortemente associada à variante urbana. Essas associações, embora sujeitas a mudanças graduais, refletem crenças enraizadas que exigem intervenções pedagógicas contínuas e integradas.

O estudo sublinha a relevância de práticas educacionais críticas que abordem os

estereótipos linguísticos como fenômenos dinâmicos, capazes de serem desconstruídos em ambientes de formação docente. As variações observadas entre os cursos demonstram que a sociolinguística crítica desempenha um papel central na promoção de uma visão inclusiva e equitativa sobre a diversidade linguística, preparando futuros educadores para enfrentar desafios relacionados à pluralidade cultural e linguística.

3.9 Diferenças entre os cursos de licenciatura

A análise por curso revela nuances significativas. Acadêmicos das áreas de Ciências Exatas, como Matemática e Física, iniciaram os cursos com médias mais equilibradas entre as variantes. Por exemplo, na dimensão "inteligente", as médias atribuídas à variante rural foram de 5,1 e 4,2, respectivamente, para Matemática e Física, e mantiveram-se relativamente estáveis, com progressões tímidas ao final dos cursos (5,3 em Matemática e 4,4 em Física). Essa estabilidade pode ser explicada pela ausência de uma formação focada em questões sociolinguísticas e culturais, conforme argumentado por Cyranka (2007).

Em contraste, os acadêmicos de Letras e Educação Física apresentaram médias iniciais mais polarizadas, especialmente em relação à variável "inteligente". No curso de Letras, por exemplo, a variante rural saltou de uma média inicial de 3,7 para 5,6, indicando uma evolução significativa na valorização de variantes não padrão, o que reforça os argumentos de Bagno (2017) sobre o impacto de currículos críticos e reflexivos. No curso de Educação Física, a progressão foi mais tímida, mas ainda relevante, com a média para "inteligente" aumentando de 4,0 para 4,8 para a variante urbana.

Na variável solidariedade, as diferenças entre os cursos tornam-se ainda mais evidentes. Em relação ao adjetivo "honesto", os cursos de Ciências Exatas, como Física e Matemática, apresentaram médias iniciais mais altas, especialmente para a variante rural, com 5,1 em Matemática e 4,7 em Física. Entretanto, as progressões foram menos significativas, com Matemática atingindo 5,3 e Física, 4,8, ao final dos cursos. Essa constância sugere que os acadêmicos dessas áreas já possuem percepções relativamente estáveis e menos polarizadas sobre honestidade associada às variantes linguísticas.

Por outro lado, em Letras, a média inicial atribuída à variante rural foi de 4,8, saltando para 5,4 ao final do curso, enquanto a variante urbana registrou um crescimento

de 4,9 para 5,3. Essa evolução reflete a influência de currículos que promovem o estudo crítico da diversidade linguística e da desconstrução de estereótipos. Em Educação Física, embora a variante urbana tenha recebido médias iniciais mais altas em "honesto" (5,2), houve também um aumento significativo para a variante rural, passando de 4,8 para 5,1, indicando uma maior aceitação dessa variante ao longo do curso.

No adjetivo "alegre", a variante urbana dominou em todas as áreas desde o início, com médias de 5,3 em Matemática e 5,2 em Educação Física, subindo para 5,8 e 5,6, respectivamente. A variante rural, contudo, demonstrou maior progressão em Letras, partindo de 4,5 e alcançando 5,2, reforçando o impacto de currículos reflexivos no resgate de atributos positivos associados ao meio rural.

Essas diferenças destacam o papel central das abordagens pedagógicas específicas na formação das atitudes linguísticas. Enquanto cursos de Ciências Exatas demonstram maior neutralidade inicial, cursos como Letras, com maior ênfase na sociolinguística, são mais eficazes na promoção de uma visão crítica sobre a diversidade linguística, conforme também apontado por Moreno Fernández (1998).

Os dados demonstram que as atitudes linguísticas apresentam mudanças significativas ao longo da formação acadêmica, especialmente em cursos com currículos voltados para a reflexão sociolinguística. A evolução observada na percepção de inteligente e na dimensão solidariedade, especialmente para as variantes rural e urbana, reflete o impacto direto do contato com disciplinas que abordam o preconceito linguístico, conforme discutido por Aguilera (2008). No entanto, a resistência observada em variáveis como "rica" reforça os argumentos de López Morales (2004) sobre a complexidade das crenças sociais enraizadas.

O estudo reafirma os postulados de Lambert e Lambert (1972), que destacam a influência dos grupos sociais de maior prestígio na formação das atitudes linguísticas. As variantes urbanas continuam a dominar a percepção de prestígio e poder, enquanto as variantes rural e urbana, apesar de demonstrarem progressos, ainda enfrentam barreiras significativas para serem plenamente valorizadas. Isso sugere que a desconstrução de estigmas relacionados ao prestígio econômico e à solidariedade exige intervenções mais incisivas e prolongadas.

A análise dos dados, realizada a partir do teste de atitudes, revelou importantes nuances sobre as percepções linguísticas dos acadêmicos em relação às variantes rural, urbana e urbana, assim como às variáveis "status" e "solidariedade". Essas análises

destacaram o impacto da formação acadêmica na desconstrução de preconceitos linguísticos e a persistência de estereótipos sociais ligados às variantes linguísticas e seus atributos.

Os resultados evidenciam que enquanto as percepções relacionadas à *inteligência* e à *honestidade* apresentam mudanças mais significativas ao longo dos cursos, especialmente em áreas com abordagens críticas à diversidade linguística, como Letras, outras dimensões, como *rica*, permanecem enraizadas em estigmas mais resistentes. Por outro lado, a valorização da variante urbana no adjetivo *alegre* reforça a hegemonia de estereótipos positivos associados ao dinamismo urbano, demonstrando a complexidade das crenças sociais em torno das variantes linguísticas.

4. Considerações finais

Este estudo buscou investigar as atitudes linguísticas de acadêmicos de cursos de licenciatura em relação às variantes rural, urbana e rurbana, analisando as variáveis *status* e *solidariedade*. O objetivo principal foi compreender como a formação acadêmica influencia a desconstrução de preconceitos linguísticos, avaliando a eficácia de currículos específicos na promoção de uma visão crítica e inclusiva sobre a diversidade linguística. Os resultados obtidos indicam que o objetivo foi amplamente alcançado, embora desafios importantes ainda permaneçam.

A pesquisa revelou que a formação docente exerce uma influência significativa sobre as atitudes linguísticas, especialmente em cursos como Letras, onde os currículos promovem abordagens sociolinguísticas críticas. Nesse contexto, observou-se uma valorização crescente das variantes rural e rurbana, particularmente em dimensões como *inteligente* e *honesto*, demonstrando o impacto positivo de disciplinas que discutem a pluralidade linguística e cultural. Em contrapartida, cursos de Ciências Exatas, como Matemática e Física, apresentaram progressões menos acentuadas, reforçando a necessidade de transversalidade das discussões sobre diversidade linguística nesses currículos.

A análise da variável *status*, representada pelos adjetivos *inteligente* e *rica*, destacou disparidades marcantes nas percepções. Enquanto a variável *inteligente* registrou avanços significativos, com maior valorização das variantes rural e rurbana ao longo dos cursos, a variável *rica* permaneceu predominantemente associada à variante urbana, refletindo a força dos estigmas relacionados ao prestígio econômico. Esses

resultados confirmam teorias sociolinguísticas que apontam para a hegemonia das variantes urbanas, frequentemente associadas ao poder e à sofisticação, como argumentado por Lambert e Lambert (1972) e Aguilera (2008).

Na variável *solidariedade*, os resultados apresentaram padrões distintos. O adjetivo *honesto* foi amplamente associado à variante rural, refletindo estereótipos positivos ligados à autenticidade e simplicidade, enquanto *alegre* destacou a variante urbana, alinhada ao dinamismo e à vitalidade frequentemente atribuídos aos contextos urbanos. Cursos como Letras se mostraram mais eficazes na promoção de mudanças positivas nessas percepções, enquanto áreas técnicas demonstraram maior estabilidade nas médias, indicando uma abordagem mais neutra em relação à diversidade linguística.

No que diz respeito ao problema de pesquisa, que questionou como as atitudes linguísticas são moldadas pela formação acadêmica, os dados fornecem respostas conclusivas. A formação crítica em sociolinguística mostrou-se determinante para a desconstrução de preconceitos, mas o estudo também revelou a resiliência de certas crenças culturais, especialmente aquelas relacionadas ao prestígio econômico e à hegemonia das variantes urbanas. Essa resistência reforça a complexidade do tema e a necessidade de intervenções educativas mais amplas e prolongadas.

Apesar do êxito em alcançar os objetivos propostos, este estudo apresenta algumas limitações que merecem consideração. Em primeiro lugar, a investigação concentrou-se em um número restrito de cursos de licenciatura, o que reduz a abrangência dos resultados, limitando sua generalização para outros contextos acadêmicos e profissionais. Além disso, o recorte temporal adotado impossibilitou uma análise longitudinal, essencial para avaliar mudanças atitudinais ao longo do tempo e compreender o impacto sustentado da formação acadêmica nas percepções linguísticas. Contudo, é importante destacar que a pesquisa explorou outras nuances de atitudes linguísticas que, embora não tenham sido aprofundadas neste artigo, podem ser desenvolvidas e apresentadas em trabalhos futuros, ampliando as discussões sobre diversidade e preconceito linguístico em contextos educacionais e sociais mais amplos.

Por fim, embora a abordagem quantitativa adotada neste estudo seja consistente com as práticas metodológicas da sociolinguística, ao possibilitar a identificação de padrões gerais e tendências estatísticas, há a necessidade de complementar esses achados com uma análise qualitativa mais aprofundada. Métodos como entrevistas em profundidade ou grupos focais poderiam oferecer insights adicionais sobre as motivações

e os contextos sociais que moldam as percepções dos acadêmicos, enriquecendo a interpretação dos dados estatísticos e revelando nuances que vão além das médias e progressões. Essa limitação, contudo, não diminui as contribuições significativas deste estudo, que se estabelece como uma base sólida para futuras investigações. Tais estudos poderão integrar abordagens quantitativas e qualitativas, ampliando o alcance das discussões sobre atitudes linguísticas no campo da formação docente e da sociolinguística.

Com base nos resultados obtidos, recomenda-se a implementação de currículos que promovam a transversalização das discussões sociolinguísticas em todas as áreas de formação docente, incluindo Ciências Exatas e Educação Física. Intervenções pedagógicas que incentivem o reconhecimento das variantes linguísticas como parte da identidade cultural dos falantes devem ser ampliadas, acompanhadas de estratégias específicas para desmistificar estereótipos e preconceitos. Sugere-se, ainda, a realização de estudos longitudinais que avaliem as mudanças atitudinais ao longo do tempo e ampliem o escopo da análise para incluir variáveis como gênero, regionalismo e etnia.

Conclui-se que a formação docente tem um papel crucial na desconstrução de preconceitos linguísticos e na valorização da diversidade. Embora mudanças significativas tenham sido observadas em cursos como Letras, os dados apontam que crenças profundamente enraizadas, especialmente aquelas ligadas ao prestígio econômico, demandam esforços educativos contínuos. O reconhecimento da pluralidade linguística não apenas promove uma educação mais inclusiva, mas também contribui para a construção de uma sociedade mais justa e equitativa.

Por fim, este trabalho reafirma a importância de práticas pedagógicas críticas e integrativas na formação de futuros educadores. Pesquisas futuras devem aprofundar a análise do impacto dessas práticas e propor políticas educacionais que garantam a inclusão e a valorização da diversidade linguística em todos os níveis de ensino. Ao celebrar a pluralidade linguística como recurso cultural e pedagógico, a formação docente pode se tornar um poderoso instrumento de transformação social.

Referências

- AGUILERA, Armando Gomes. Atitudes linguísticas: um estudo sobre as percepções sociais da linguagem. **Revista de Sociolinguística**, v. 4, n. 2, p. 123-136, 2008.
- BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. 15. ed. São Paulo: Loyola, 2007.
- BAGNO, Marcos. *Dicionário crítico de sociolinguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.
- BARCELOS, Ana Maria Ferreira. Reflexões sobre crenças e atitudes como construções sociais dinâmicas. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 6, n. 1, p. 141-160, 2006.
- BERGAMASCHI, Emerson Alves. Preconceito e estigma linguístico: considerações teóricas. **Estudos em Linguística Aplicada**, v. 25, n. 1, p. 43-50, 2006.
- BLANCO CANALES, Ana. Análisis de creencias y actitudes en la sociolingüística. **Revista Española de Sociología Lingüística**, v. 6, n. 2, p. 67-81, 2004.
- BISINOTO, Sonia. Atitudes sociolinguísticas e suas manifestações. *Linguagem e Sociedade*, v. 12, n. 3, p. 23-35, 2007.
- CÂNDIDO-RODRIGUES, Mairo. Crenças e atitudes linguísticas: a percepção de acadêmicos de licenciaturas sobre o uso da língua portuguesa. 131f. Dissertação (Mestrado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Tocantins, Porto Nacional, 2019.
- CYRANKA, Susana Cecília. Atitudes linguísticas: uma análise crítica em contextos educacionais. **Revista Brasileira de Educação Linguística**, v. 14, n. 3, p. 97-112, 2007.
- CYRANKA, Susana Cecília. Reflexões sobre crenças e atitudes linguísticas na formação docente. **Linguagem em Foco**, v. 18, n. 1, p. 139-155, 2011.
- CYRANKA, Susana Cecília. Ensino e preconceito linguístico: práticas reflexivas na formação de professores. **Educação e Linguagem**, v. 21, n. 2, p. 141-160, 2014.
- GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas, 1991.
- GÓMEZ-MOLINA, José Ramón. Componentes das atitudes linguísticas: perspectivas teóricas. **Linguística Aplicada Contemporânea**, v. 9, n. 2, p. 77-92, 1998.
- HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. 3. ed. São Paulo: Objetiva, 2010.
- LABOV, William. *Sociolinguística*. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- LAMBERT, Wallace E.; LAMBERT, Kenneth. *Fundamentos da psicologia social*. 2. ed. Montreal: McGill University Press, 1972.
- LÓPEZ-MORALES, Humberto. *Sociolinguística: teoria e prática*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- MARRA, Daniel. Os níveis da linguagem: a teoria linguística de Eugenio Coseriu. **ALFA: Revista de Linguística**, São Paulo, v. 67, 2023. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/16674>. Acesso em: 10 dez. 2024.
- MORENO-FERNÁNDEZ, Francisco. *Variiedades linguísticas e atitudes sociais*. Madri:

Gredos, 1998.

NEVES, Maria Helena de Moura. *A linguagem como evento social e cultural*. São Paulo: Contexto, 2006.

PASTORELI, Ana. Juízos de valor em contextos multiculturais. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 12, n. 4, p. 245-259, 2012.

RODRIGUES, Antonio Carlos. Aspectos comportamentais nas atitudes sociais. **Psicologia Social Aplicada**, v. 6, n. 3, p. 395-410, 1972.

UFLACKER, Ana; SCHNEIDER, Regina Schuch. Identidade e pertencimento social na formação linguística. **Cadernos de Educação e Linguagem**, v. 10, n. 2, p. 31-40, 2008.